ANO 33.º — Sábado, 13 de Abril de 1940 — N.º 1624

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua dos Combatentes da Grande Guerra—Telefone 125—AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
MANUEL ALVES RIBEIRO
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—AGÊNCIA HAVAS

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

GENERAL OSCAR DE FRAGOSO CARMONA

Passa na segunda-feira o 12.º aniversário da investidura do sr. General Oscar Carmona no alto cargo que, por felicidade, ainda hoje desempenha—*a bem da Nação*. Congratulamo-nos com o facto. E' uma estabilidade que só tem contribuido para enraïzar o 28 de Maio e isso não deve ser indiferente a nenhum português que deseje o engradecimento da sua Pátria. *O Democrata*, associa-se, portanto, ás manifestações de que nêsse dia venha a ser alvo o venerando Chefe do Estado.

A GUERRA

—c—

Os acontecimentos europeus tomaram uma nova feição em virtude das tropas germanicas terem invadido a Dinamarca e a Noruega haver declarado guerra à Alemanha.

Que irá suceder? E' cedo para fazer juizos, para arriscar um prognóstico.

Demos, portanto, tempo ao tempo...

Dr. Lourenço Peixinho

—x—

Encontra-se livre de perigo, devendo estar prestes da franca convalescença, o preclarissimo presidente da Câmara Municipal e nosso velho amigo, dr. Lourenço Peixinho.

Vai esta notícia ser lida com a maior satisfação por muita gente, tanto de Aveiro como de fora, que tem pelo enfermo uma ilimitada consideração devido aos serviços prestados num período de mais de 20 anos à terra que lhe foi berço. E' que os sentimentos dos bons aveirenses não se obliteram fácilmente nem o dr. Lourenço Peixinho praticou algum dia actos que nos levem a considerá-lo como indesejável. De aí todos se congratularem com as suas melhoras e aguardarem ansiosamente o seu completo restabelecimento.

Êste número foi visado pela Censura

ÍLHAVO POR DENTRO...

—o—

Noticia o nosso colega do visinho concelho, *O Ilhavense*, que a Câmara da presidência do sr. Deniz Gomes acaba de pagar a última prestação dum empréstimo que fez na Caixa Geral de Depósitos (49.367$15) para a construção do magnífico edifício escolar que se ergue na Rua Ferreira Gordo e bem assim a importância de 42.400$00 que fôra pedida a um particular para a conclusão das obras.

E desabafa da seguinte maneira:

—São êstes os *esbanjamentos* da Câmara!

Que os miopes não vêm —acrescentamos nós—por falta de vitalidade do nervo óptico em concordância com o miolo armazenado na caixa dos pensamentos...

Sessão cultural

E' hoje que se realiza no Teatro Aveirense com os elementos a que nos referimos a semana passada e por iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional.

Principia às 21 horas.

Novos lugres

No dia 21 devem ser lançados à água nos estaleiros da Gafanha as duas unidades *I Navegante*, da emprêsa Ribau & Vilarinho, e *D. Deniz*, do sr. António Pascoal, a que mestres Mónicas dão os últimos retoques.

Preparam-se festas rijas.

Efemérides

13 de Abril

1874—Morre Santos Silva, que no ano anterior pretendeu converter o Centro Histórico de Lisboa em Centro Rèpublicano.

1908—Aparece à venda uma nova edição do *Anti-Cristo*, célebre poema de Gomes Leal.

1909—Na Turquia um grupo de revoltosos ocupa o Parlamento e assassina o Ministro da Justiça.

Jornais e jornalistas

—o—

Foi deveras interessante a conferência de Leopoldo Nunes realizada em Lisboa, mas achamos que meteu história de mais.

Esperavamos outra coisa...

A Feira de Março continua a atraír milhares de pessoas a Aveiro

Amanhã realisar-se-á um atraente festival nocturno

Os derrotistas, os mal dizentes, os nulos, os empatas—enfim: os asnos que criticam sem razão, devem estar a esta hora convencidos de que, por mais que se cansem, que se esforcem, não conseguem levar a água ao seu moinho... Ficam sempre por baixo, amachucados. E sujos. Envoltos no esterquilinio da sua incomensurável vilèsa. Isto para honra dos aveirenses, desta terra que os despreza e nada quer com semelhante cambada.

Ora a Feira de Março, alvo do seu despeito, revelou, de novo, que não morrerá, como êles desejam, nem alterará o seu ritmo, a avaliar pelo que nos dizem alguns dos concorrentes.

No domingo foi outro grande dia que o secular mercado proporcionou a Aveiro.

Contam-se por muitos milhares as pessôas que deram vida e movimento à cidade.

Todos os combóios, de composição duplicada, chegaram à cunha! E os automóveis? E as camionetes? E a gente vinda dos arrabaldes a pé e de bicicleta?

De tarde e à noite houve ocasiões em que se não rompia no recinto da Feira!

Os cafés, os restaurantes e as casas de pasto regorgitaram.

Não será isto digno de aprêço? Não será isto para estimar que continue?

Nós respondemos: é e há-de continuar.

Para àmanhã acha-se anunciado outro festival, naturalmente o último para fecho do certamen.

Vêm exibir-se, começando às 21 horas, dois dos melhores grupos folclóricos da região da Bairrada—*Os Unidinhos*, da Mealhada, e *Vindimeiras da Bairrada*, de Aguim, cujas danças e canções tantos aplausos têm arrancado aos apreciadores. E à meia noite haverá também uma sessão de fôgo de artifício que constituirá novidade, visto compôr-se dos seguintes números:

120 foguetões de fantasia coleccionados do maior calibre; um *bouquet* de 60 foguetes com pára-quedas e fitas perpendiculares; outro com borboletas de cauda; outro com lustros luminosos; outro de 120 foguetes com virilaites matizadas; outro com estrêlas, lírios e amoras; outro com chuvas sortidas de fuzilaria; 20 *bouquets* de foguetes com surprêsas modernas; um de 120 foguetes com comêta de cauda; 12 foguetes de canhão de grande calibre para inicio dos fogos e 12 balonas de cauda de pavão de grande calibre.

E' um programa, como se vê, variadissimo, que nos dá a antecipada certeza de que vamos ter outra noite cheia de alegria e encantamento.

* * *

A Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro organisa ámanhã um serviço especial de combóios a preços muito reduzidos o que de-certo modo deve influir para aumentar a concorrência de forasteiros.

O TEMPO

O mês decorre com lindos dias de sol e noites luarentas, embora ainda frias. E' a aproximação do mês das rosas e dos perfumes...

DE EFEITO

Anuncia-se para o dia 4 de Junho, em Guimarãis, berço da nacionalidade, onde se iniciam as festas centenárias, uma largada de dez mil pombos correios, que será feita da Torre de Menagem do Castelo.

Espectáculo de efeito e no qual colaboram todos os columbófilos do país, é natural que chegue a entusiasmar os espectadores, mòrmente se os pombos se portarem com a correcção devida a quem os olhar de baixo...

O Club Mário Duarte em festa

Como decorreu a comemoração do seu 36.º aniversário

Foi por muitos títulos simpática devido às recordações evocadas durante a sua realização, a festa do 36.º aniversário do Club Mário Duarte, levada a efeito, segundo o programa, no sábado e domingo pretéritos.

No primeiro dia, a meio da manhã, ao ser içada a bandeira no mastro da séde, uma salva de 21 morteiros anunciou à cidade que, para os lados da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, alguma coisa de anormal se passava com direito à atenção dos aveirenses. Depois, quando o negrume da noite já envolvia o casario, na mesma fachada aparece caprichosa iluminação e para lá começam a convergir as principais famílias da terra e algumas de fóra, convidadas para o baile. Este iniciа-se pelas 23 horas, apresentando-se os salões belamente decorados pelos srs. Sebastião Amaral e Francisco Costa e iluminados a flux pela casa Ferreira, Pereira & C.ª. *Noite Vienense*, elegante, essa, que decorreu cheia de entusiasmo e na qual tomaram parte as famílias da melhor sociedade aveirense, e de muitas outras localidades.

Por volta da 1 hora, madame Vale, da alta costura, de Lisboa, fez passar, em revista, como noticiámos, os seus manequins vivos com modêlos para 1940 dos melhores costureiros de Paris, facto inédito para Aveiro e muito apreciado pela assistência, dada a novidade.

Mais tarde, após a ceia, foram soltas algumas pombas brancas, que, pousando nos ombros de vários pares, deram origem à blague dos comentadores. O baile, abrilhantado pela Orquestra Talábriga Jazz, terminou já de dia.

* * *

No domingo houve a romagem ao cemitério. A Direcção do Club Mário Duarte, acompanhada dum grupo de sócios e do sr. Francisco de Melo Duarte, deu uma volta ao recinto e dirigindo-se, por fim, ao jazigo onde repousa o saudoso *sportman*, o seu presidente, sr. dr. Ferreira Neves, proferiu o seguinte discurso:

Meus senhores:

«Por iniciativa da actual Direcção do Club Mário Duarte, comemora-se hoje o 36.º aniversário da sua fundação. Se é um dia de festa para nós pela data que passa, também é um dia de saudade por aqueles que colaboraram na fundação dêsse grémio e já não pertencem ao número dos vivos. Resolveu, por isso, a Direcção do Club intercalar nas suas festas um testemunho de homenagem à memória dos fundadores já falecidos. Para êsse efeito aqui viemos em piedosa romagem perante aqueles que, querendo ser úteis a si mesmos, o foram, igualmente, e muito, a esta linda cidade de Aveiro, produzindo uma obra que hoje apreciamos e continuamos.

Há actualmente um imenso egoismo nos indivíduos; estamos vivendo numa época de indiferentismo e abandono que degradam o corpo e o espírito. E' já difícil encontrar quem se sacrifique, mesmo pouco que seja, pelo bem comum, mas é de notar que, em regra, os maiores egoistas são os que estão a usufruir o resultado dos esforços dos que os precederam.

Vivemos isolados uns dos outros em vez de nos auxiliarmos mutuamente; vivemos desconfiados um dos outros em lugar de nos abraçarmos confiadamente, como irmãos.

Louvados sejam, pois, todos aqueles que contribuem ou têm contribuido de algum modo para uma obra útil à sociedade. Neste caso estão os que, à custa de muitas canceiras e sacrifícios, fundaram em 1903 o Club Mário Duarte, homens dignos e trabalhadores, que honraram a sua terra e se honraram a si mesmos.

A maior parte deles já dorme o sono eterno neste terreno sagrado que ora pisamos. Estou certo de que nunca nenhum pensou que alguém, um dia, aqui viesse evocar a sua memória pelo motivo de ter sido fundador do Club a que pertencemos. Mas a Direcção do Club Mário Duarte, em nome de quem falo neste momento, entendeu que cumpria um dever vindo ao cemitério honrar-lhes a memória e colocar sôbre as suas campas algumas flores que simbolizam a nossa saudade por todos. Aqui estamos, pois, para êsse efeito. Vou depôr sôbre a sepultura do patrono do Club um ramo de flores, que consideraremos repartido por tôdas as campas dos fundadores do Club Mário Duarte, pois que, êste ramo, embora materialmente pequeno, será pelos nossos espíritos suficientemente engrandecido.

E agora peço que dediquemos à memória de todos, que passaram pela nossa casa, dois minutos de recolhimento.»

Ao terminar esta manifestação todos os presentes cumprimentaram o filho do patrono do Club, retirando a seguir.

Pelas 13 horas e meia teve lugar no *Arcada Hotel* o almoço de confraternização. Preside o sr. tenente-coronel Gomes Teixeira, presidente da Assembleia Geral do Club, a quem rodeiam os srs. José da Fonseca Prat, dr. Ferreira Neves, tenente Gumerzindo da Silva, Laudelino de Miranda Melo, dr. Pedro Gonçalves, engenheiro Almeida Graça, capitão Caria Rodrigues, António Pereira Osório, Carlos Aleluia, António Pissarra, Gervásio Aleluia, Augusto Carvalho dos Reis, Albino Pinto de Miranda, Francisco da Encarnação, dr. Vitorino Cardoso, Manuel Fernandes Lopes, Alberto da Cunha Azevedo, António da Costa Ferreira, Henrique Ramos, Alfredo Osório, Manuel Vaz Velho, João Luiz Fla-

LA LYS

—o—

A Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra comemorou no dia 9 a passagem do 22.º aniversário da famosa batalha com uma missa por alma dos mortos, a deposição de flôres no monumento da Avenida e uma romagem ao cemitério sul onde se acham sepultados alguns camaradas.

A' cerimónia da Avenida assistiu a mocidade das escolas, tendo proferido um patriótico discurso o sr. capitão Eduardo Pinto Veiga em seguida ao que se fizeram 2 minutos de silêncio em homenagem aos que na luta perderam a vida.

mengo, Francisco Pereira Lopes, Vital Fialho, João Ferreira de Macedo, Pompeu Alvarenga, Eduardo Cerqueira, Joaquim Carreira, Pompílio Ratola, António da Maia, dr. Serpa Neves, dr. Joaquim Henriques, dr. Marques Rocha, Gustavo Moreira e Arnaldo Ribeiro. Ao todo 36 convivas.

E' servida esta

EMENTA

Aperitivos
Filets de pescada com puré
Fricandó de vitela à jardineira
Cabrito assado à portuguesa
Biscoito mascote
Fruta
Vinhos branco e tinto
Champanhe
Café

Na altura própria o primeiro brinde pertence ao sr. dr. Ferreira Neves, que, erguendo-se, assim fala:

Sr. Presidente:
Ex.^mos Consócios:

«Foi no ano de 1903 que um grupo de aveirenses meteu ombros à emprêsa de fundar nesta cidade uma associação de carácter desportivo e recreativo. Os esforços dêstes aveirenses foram coroados de pleno êxito, pois que a 7 de Março de 1904 foram elaborados e assinados pelos fundadores os estatutos da nova sociedade que tomou o nome de Club Mário Duarte, e a 2 de Abril seguinte foram êstes estatutos aprovados pela autoridade administrativa.

A séde do Club foi, inicialmente, uma casa situada na Rua Direita, casa que as exigências da vida citadina já fez desaparecer há muito tempo.

A vida do Club decorreu, a princípio, com grande vitalidade, graças ao entusiasmo e dedicação dos associados que por êle trabalhavam.

O Club Mário Duarte tornou-se, então, um elemento de progresso para Aveiro, e em breve a sua fama estendeu-se a todo o país. Tornaram-se célebres as suas festas desportivas, principalmente as de náutica e as de natação. Na história do desporto nacional a acção do Club Mário Duarte deve figurar em lugar de relêvo. Mas não foram sómente as festas exteriores que deram a êste Club a fama e consideração de que tão justamente tem gosado até hoje; foram também as elegantes festas mundanas que se realizaram nos seus salões.

O Club Mário Duarte tornou-se o centro de reunião da melhor sociedade aveirense e das povoações limítrofes. Assim viveu e tem vivido êste Club, não obstante as vicissitudes por que tem passado.

Na verdade, os fenómenos sociais têm por vezes embaraçado ou diminuido a acção do Club, mas de tôdas as crises êle tem saído vencedor, graças à dedicação das suas Direcções e associados, e justa compreensão pelos aveirenses da necessidade de o manter. E', pois, devido ao amor dos aveirenses pela sua terra e por tudo aquilo que de algum modo pode contribuir para honrar e engrandecer esta cidade, que o Club Mário Duarte se encontra hoje em festa, a comemorar o 36.º aniversário da sua fundação. E para isso nos encontramos aqui, em fraternal convívio, em refeição de irmãos, esquecendo-nos, por momentos, das graves preocupações que presentemente afligem a humanidade, e alheados dos preconceitos, ideias e factos que separam os homens ou os lançam uns contra os outros em lutas ferozes e hecatombes horríveis.

Estamos aqui, meus senhores, como irmãos, como habitantes da mesma casa, sem motivos que nos separem, desejando, antes, uma união e camaradagem cada vez maiores, que nos dêem consôlo e prazer para atenuar as agruras da vida.

O Club Mário Duarte, por iniciativa da sua Direcção, pratica uma acção louvável, comemorando o seu 36.º aniversário com algumas cerimónias e festas, que, embora modestas, têm um alto significado espiritual e associativo.

O Club Mário Duarte tem vivido com elegância, dignidade e disciplina. Não lhe sobejam os recursos, mas na sua modéstia tem procurado ser útil aos seus associados e a Aveiro; tem conseguido honrar-se e honrar esta formosa cidade na qual exerce a sua acção. E' preciso, porém, que Aveiro continue a apoiar, moral e materialmente, esta agremiação para que ela possa satisfazer os seus objectivos com brilho, elevação e desafogo.

Meus Senhores:

Disse que as cerimónias e festas com que o Club Mário Duarte comemora o 36.º aniversário da sua fundação são modestas. E' verdade. Para mais não chegam os recursos de que dispõe esta Associação. Mas a realçar estas festas temos a nossa alegria e regosijo; temos um dia primaveril que nos insufla na alma ardentes desejos de paz e de felicidade. Cobre-nos um céu azul formosíssimo aonde esvoaça, em ziz-zagues, a andorinha e onde passa a gaivota serenamente.

Temos prados floridos que nos encantam a vista e temos a fresca brisa do mar que nos rejuvenesce o corpo cansado da luta pela vida. Temos ainda esta formosa Ria, de águas, ora rumorejantes, ora silenciosas, que, qual escrava que beija os pés do seu senhor, também dia e noite beija esta terra de maravilha.

A festa, harmoniza-se, portanto perfeitamente com o formoso cenário que nos rodeia e corresponde às tradições, bons costumes e altas qualidades de trabalho dos aveirenses.

Orgulha-se Aveiro dos estranhos que generosamente a engrandeceram, tais como o desventurado Infante D. Pedro, seu donatário, que no século XV a fez reedificar e fez erigir as suas muralhas. Orgulha-se da Princesa Santa Joana que aqui viveu metade da sua vida, e aqui está sepultada. Orgulha-se de D. Brites de Lara e Menezes, filha dos marqueses de Vila Real, que para aqui veio enxugar as lágrimas da sua viuvez, e aqui fez construir o convento de Nossa Senhora do Carmo e o de S. João Evangelista, ficando, por fim, a dormir o sono eterno na sua igreja do Carmo.

Aveiro orgulha-se ainda dos grandes homens que nela viram, pela primeira vez, a luz do dia, e a ela e a Portugal deram imortal renome. Mencionarei João Afonso, que no século XV, como navegador e explorador, contribuiu de modo decisivo para o descobrimento do caminho marítimo para a India; Aires Barbosa, humanista insigne, que no século XVI, como professor da Universidade de Salamanca, deslumbrou o mundo culto com o seu saber e erudição. Modernamente, José Estêvão Coelho de Magalhãis, o maior orador parlamentar português, o patriota insigne, o homem a quem Aveiro mais benefícios deve.

Mas Aveiro não deve homenagear sómente aqueles que praticaram grandes feitos ou realizaram grandes obras; deve também lembrar-se dos que, com fôrças diminutas e escassos recursos, praticaram algum bem para a colectividade aveirense.

Estão neste caso os fundadores do Club Mário Duarte, que, ao tentarem criar esta associação de recreio, não pensaram só nos benefícios materiais ou espirituais que dela lhes poderiam advir, mas também na glória e engrandecimento da sua terra. Bem merecem, pois, os fundadores do Club Mário Duarte a nossa gratidão e homenagem.

Grande prazer teriamos nós, seus continuadores, em testemunhar aqui a todos êles, nesta data, o nosso apreço pela obra que realizaram e que perdura.

Infelizmente, êste nosso sincero desejo não pode ser integralmente satisfeito porque a morte já arrebatou a maior parte dêles. Temos, no entanto, o gôsto de vêr ainda junto a nós, alguns dêles, a quem a Providência houve por bem dilatar seus dias.

Consideraremos, porém, como aqui presentes os que a terra jà guarda em seu seio.

Em nome da Direcção do Club Mário Duarte presto homenagem à memória dêstes, e àqueles que, por felicidade ainda gosam da vida, apresento com a mais viva satisfação as minhas homenagens e saudações.

Meus senhores:

E' tempo de terminar as minhas palavras descoloridas que só por fôrça do cargo que desempenho no Club, tenho de pronunciar neste banquete. Mas cumpre-me ainda agradecer a V. Ex.^as a honra que deram à Direcção do Club Mário Duarte em acolherem com simpatia a sua iniciativa, e por colaborarem de boa-vontade nas cerimónias e festas que promoveu.

A vós, sr. tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira, presidente desta festa e mui digno presidente da Assembleia Geral do Club Mário Duarte, apresento, em especial, os nossos agradecimentos e saudações.

Brindo agora pelas prosperidades do Club Mário Duarte e pelas dos seus associados.»

Uma calorosa salva de palmas abafa as últimas palavras do sr. dr. Ferreira Neves que se pode orgulhar de, tanto aqui, como no cemitério, ter produzido dois discursos de fino recorte literário sem, todavia, deixarem de focar a parte essencial do motivo que os determinou.

Arnaldo Ribeiro, faz uma breve resenha da fundação do Club, sauda, em especial, um dos mais velhos sócios ali presentes, José da Fonseca Prat, alude à vinda, de propósito, de Lisboa, de António da Máia, e bebe pelas prosperidades do antigo grémio.

O sr. Laudelino Melo esclarece que o discurso oficial da Direcção do Club foi, e muito bem, proferido pelo seu presidente, sr. dr. Ferreira Neves, que se esforça para que a nau da agremiação singre em águas serenas, sem ventos tormentosos e a contento geral.

Mas à margem dêsse fundamentado e bucólico discurso do sr. dr. Ferreira Neves, e da elucidativa oração do sr. Arnaldo Ribeiro, — continua — é grato ao meu coração dizer, no dia de hoje, algumas modestas palavras, eu, que acostumado não ando a fazer discursos e dizer não sei coisas lindas...

Mas direi como sei, conforme o meu *engenho e arte;* e não quero prosseguir sem cumprir um leal dever de camaradagem — que é o de lamentar a ausência, nesta festa, por motivo de doença, de um dos membros da Direcção, o sr. Antero Simões Pina, quando muito o desejariamos ter a nosso lado.

Dizendo como sei e posso, com a naturalidade da minha razão de ser, acreditai, senhores, que é a minha alma a falar-vos.

Esta reunião, êste almôço — afirmou um nosso consócio presente — *foi uma feliz ideia de união dos espiritos*, e eu direi que esta confraternização tem um significado muito mais lato do que à primeira vista possa parecer a quem vê superficialmente os acontecimentos.

Tem sido à volta das mesas, em opíparos almoços, jantares ou ceias, que grandes resoluções se têm tomado. Grandes e pequenos banquetes têm unido estadistas, povos, e, muitas vezes, têm sido a chave de extraordinários acontecimentos na vida da Humanidade.

E' ainda à volta da mesa, que, religiosamente, a familia confraterniza; é o momento santificado do lar!

E' a essa sagrada hora das refeições, quando os estômagos sentem já o calor do confôrto, que os espíritos bem formados principiam a tarefa de se compreenderem.

Pois bem, presados senhores: esta é a hora alegre e feliz da família do Club Mário Duarte. Os estômagos estão confortados. Principiam os espíritos o trabalho do bom entendimento.

Estamos a comemorar o seu 36.º aniversário. Aqui reunidos nêste almôço fraterno, enlaçados os espíritos dos presentes, dos que por qualquer razão não compareceram e dos que desta vida já se foram, pensemos, senhores, por um minuto, nêsse espaço de 36 anos, na existência dêste Club local.

Pensemos no seu nascimento, nas lutas que enfrentou, nos louros que recolheu. Pensemos naqueles que, por vezes, com a alma embandeirada em festa — numa idade em que à volta das nossas vidas tudo são sonhos, amores, encantamento; pensemos nesses que, com a preocupação de bem o dirigir e engrandecer, deram o melhor do seu esfôrço. E pensemos nos que, bem intencionados para o servir e para desempenhar criteriosamente o mandato que uma assembleia geral lhes conferiu, sofreram, todavia, acusações injustas, quantas vezes de animo leve, daqueles que para tudo estão sempre prontos a mal-dizer, sem noção terem da responsabilidade e trabalho que dão as missões delicadas.

Porque é sabido e tão velho como o próprio homem, que o que agrada a muitos não agrada a todos, e alguns só se julgam no direito de criticar e nada mais. Ninguém ignora que não são remunerados os cargos administrativos dos Clubs; mas todos sabem que agremiações como a nossa são, por muitas razões de ordem social, necessárias à colectividade.

Senhores: pensemos ainda em todos aqueles que, por qualquer maneira, trabalharam para o seu engrandecimento; e, aqui, à mesa da família, de mãos dadas e corações ao alto, façamos os melhores votos para que o Club Mário Duarte seja, em verdade, o que por muito tempo foi e merece ser na vida da cidade de Aveiro. Que todos portanto, *todos*, o ajudem, como melhor o possam fazer.

O sr. Laudelino Melo termina, erguendo a sua taça pela felicidade dos presentes e dos ausentes, incluindo suas famílias, e ainda pelo engrandecimento do Club a que está prestando os melhores serviços como membro da Direcção.

Seguem-se os srs. Albino Miranda, Joaquim Carreira, Pompílio Ratola, que lembra um dos mais dedicados companheiros de Mário Duarte — João Mendonça; tenente-coronel Gomes Teixeira e Vaz Velho, que, como um dos sócios mais novos do Club, faz um apêlo à mocidade no sentido de concorrer para as suas prosperidades.

Ia já a mais de meio a tarde quando terminou o repasto e os comensais deixaram a sala confortável do *Arcada-Hotel* onde se passaram momentos de alegre convívio, sempre agradáveis a quem, vivendo muito do espírito, os prefere a tudo que não ande com êle ligado.

E para terminar: louvores à Direcção do Club Mário Duarte pela maneira aliciante como decorreram as festas do seu aniversário.

Atenção para a 4.ª página

Excursão ao Minho e à Galiza

— o —

Nos próximos dias 18, 19 e 20 realiza-se uma excursão dos filiados da M. P. de Aveiro a terras do alto Minho e à alegre cidade galega de Vigo.

A primeira noite será passada na encantadora e amiga cidade de Viana do Castelo, que, como sempre de braços abertos para receber Aveiro, uma vez mais nos vai dar provas da sua mui grande dedicação.

Os filiados serão hóspedes de algumas familias da Princêsa do Lima, que para êste efeito gentilmente se ofereceram, facto que salienta a velha amizade Viana-Aveiro e que nós, aveirenses, não podemos esquecer nunca.

A viagem continuará, depois, para o Norte, em direcção á fronteira da nova Espanha, para visitar Vigo e outras terras. O regresso far-se-à por Braga e Guimarâis, visto o Centro Escolar da Mocidade Portuguesa ter em vista proporcionar aos seus filiados alguns dias de gôso e despertar nêles o sentimento de boa camaradagem.

Felicidades.

A' entrada da cidade

— —

Insistimos pela limpesa da Rua de Ilhavo e imediações, principalmente das valetas. Agora começa a cidade a ser muito visitada e aquilo envergonha-nos. Aos encarregados dêsse serviço pedimos que não o descurem.

IMPRENSA

Labor

O número dêste mês, que é o 108, acaba de sair com colaboração variada de distintos professores.

Muito bom.

Batida às raposas

— — —

Um grupo de caçadores vai ámanhã à Mata de S. Jacinto ver se consegue limpá-la dos bichos nocivos que por lá se albergam e entre os quais figuram as raposas.

A partida é às 8 horas.

A rega das ruas

— o —

Começaram já, para abater o pó da estrada, mas tornaram-se, logo de princípio, deficientes. E' que há ruas de grande movimento que continuam envoltas em espessas nuvens de poeira e por onde o carro das regas é raro passar!

Esse serviço precisa, pois, de se intensificar, de maneira a evitar o menos possível reclamações.

Ver a 4.ª página

Necrologia

Com 55 anos finou-se na noite de segunda-feira a sr.ª D. Maria da Natividade Martins Mota, que há muito tinha enviuvado.

Deixa duas filhas, casadas, respectivamente, com os srs. António Freitas Costa, empregado na filial do Banco N. Ultramarino, e Luciano Marques Lima, residente em S. Lourenço (Sabrosa) tendo o seu cadáver sido sepultado no cemitério central, aonde a acompanharam diversas pessoas das relações da família enlutada.

Os nossos sentimentos.

* * *

No bairro de Sá também a semana passada sucumbiu aos estragos duma grave enfermidade, Manuel Deus das Neves, que contava 18 anos, apenas.

Era filho de Manuel Deus da Loura, tendo-o acompanhado ao cemitério novo numerosas pessoas.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Rosa Maria Patacão, viuva, de 74 anos, e Elvira dos Santos, solteira de 70; e em *Aradas*, Norbinda dos Reis, de 38, casada com Guilhermino dos Reis.

Na despedida

— o —

O sr. Justino Sampaio Alegre (filho) com *stand*, na Feira, de espumantes naturais, oferece àmanhã de tarde, no Pavilhão Municipal, um *Monte Crasto de Honra* ao sr. Governador Civil e outros convidados, que ali se devem reünir pelas 17 horas.

O Democrata agradece a gentileza.

Chá dançante

— —

Teve ontem logar a primeira reunião familiar no Pavilhão Municipal do recinto da Feira, onde diariamente se faz ouvir, até à meia noite, a Orquestra Talábriga Jazz.

Decorreu animado.

Cartas a uma amiga de longe

Abril, 1940

Querida amiguinha:

Nêstes tempos agitados, têm vindo algumas profecias nas melhores revistas mundiais, àcêrca do futuro dos paises beligerantes. Alguns videntes dizem que a França desaparecerá do mapa da Europa; outros profetizam êsse fim à Inglaterra e ainda há os que afirmam que daqui a alguns anos o velho continente será invadido pela onda amarela *que devastará o pré-existente.*

Suposições, apenas; maneiras de ganhar a vida e de encher papel.

Na Idade Média, a magia tomou um lugar muito elevado na vida humana. Nas altas esferas sociais, mesmo, a sua influência, por vezes maléfica, fez-se sentir grandemente.

Em França, reis e rainhas, fidalgos e fidalgas da mais alta estirpe, altos dignatários da côrte, iam junto dos mágicos a fim de resolverem o mais complicado negócio de estado ou desvendarem o mais confuso trama de amor... Mas onde a magia mais prejuizos causou foi entre a arraia miúda. *Naqueles cérebros atrofiados e broncos, o bruxo, que era tido como um Deus, tinha um poder ilimitado. E aquela pobre gente, cheia de superstições e que bem guiada seria* leão *com coração de passarinho, cometia os crimes mais hediondos, só porque a bruxa ou o bruxo a tinha aconselhado para tal.*

Os anos, porém, foram passando, as mentalidades modificaram-se por completo, o progresso invadiu o mundo, tudo é movimento, velocidade, ruido. As crianças nascem com os olhos abertos, *os paises são* anexados *com rapidez de relâmpago, os aviões dão a volta ao mundo em algumas horas, um oficial no seu gabinete pode pôr em movimento tôdas as tropas despersas pelo pais, um individuo confortàvelmente instalado em sua casa, pode assistir ao melhor espectàculo.*

As pedras, polida e lascada, passaram à Pré-história, o circo romano e as suas atrocidades ficaram na História Antiga, o Feudalismo lá está na Idade Média, os Descobrimentos assinalam a Moderna. Todos êstes acontecimentos passaram à História, com o rótulo ignominioso, não de arenque fumado, *como o de Fradique, mas com o de* passado.

O bruxedo, porém, assistiu a tôda esta corrida vertiginosa, a tôdas as hecatombes, a todos os fenómenos cósmicos, às transformações do mundo e das sociedades através dos tempos e com um número astronómico de anos, êle existe ainda. Ainda há quem se fie nêle, quem acredite nas suas artimanhas confusas, quem vá à bruxa curar a doença a que o médico não soube dar volta, resolver a questão a que o advogado não soube dar remédio. Os elixires mágicos para prender o namorado que não está seguro, *ou para fazer voltar aos braços da esposa o marido infiel, são* infalíveis. *Há ainda quem* tire o quebranto, *quem* talhe o bicho, *quem* desogue, *quem ponha as cartas com a* mis-en-scéne *de outros tempos, quem vá ao cemitério, noite alta. Mas se fôsse só a gentinha do povo, vá, havia ainda um bocado de desculpa. Mas não. Criaturas que tinham obrigação de saber que isso de bruxa é uma patacuada, vão também lá consultá-la com tôda a fé e esperança de melhores dias.*

Que de mistérios o coração humano e que de estupidês a de algumas pessôas!...

Um abraço da

Zèmi

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a interessante Maria Eneida, filha do sr. alferes José Barata Freire de Lima; no dia 15, a sr.ª D. Maria Henriques da Silva, professora oficial e esposa do sr. tenente Gumerzindo da Silva; em 18, os nossos amigos dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente-médico de Infantaria 10, e dr. António Lucio Vidal, notário em Vagos, e em 19, a inocente Maria Eduarda, filhinha do sr. Mário Trindade.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade, com suas esposas, os srs. José de Mesquita Lelo, Arnaldo Alves dos Santos, César Nicolau da Costa e Armando Cancela de Amorim, residentes, respectivamente, no Porto, Coimbra, S. João da Madeira e Ovar, e ainda os srs. dr. António Lebre, major-veterinário, António da Maia e Manuel da Silva, com residência na capital, Lutário Casimiro da Silva, que há anos vive em Couto do Mosteiro (Santa Comba Dão), e dr. Azevedo e Castro, desembargador da Relação do Porto.

Doentes

Retida no leito continua entregue aos carinhos da família e aos cuidados da medicina a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia Balacó, a quem a doença muito tem afligido.

— Também não passa bem de saúde a estremosa mãi do nosso amigo João Mota, que há pouco completou 90 anos de idade.

— Acentuam-se de dia para dia as melhoras do nosso presado amigo sr. José Moreira Freire, o que nos apraz registar.

— Em Eixo tem obtido algumas melhoras o considerado clínico e nosso velho amigo dr. Carlos Alberto Ribeiro.

E' igualmente com satisfação que transmitimos esta noticia aos nossos leitores.

— De Lisboa chegam também noticias animadoras sôbre a doença da menina Hermengarda Dias, que ali se encontra em tratamento vai para três meses.

Desejamos a todos completo restabelecimento.

Perante o sr. Ministro do Interior

O discurso do nosso ilustre conterrâneo, dr. Querubim :—: Quimarãis, no banquete do Teatro Aveirense :—:

Ex.mo Snr. Ministro do Interior:

Sente-se Aveiro muito honrada com a visita de V. Ex.ª.

Se a pessoa de V. Ex.ª lhe não é indiferente, tão certo é que a permanência duma quási visinhança de muitos anos e laços de sangue o prendem sentimentalmente a esta terra, o Ministro do Interior tem sempre um lugar de honra, comparte que é das responsabilidades do govêrno da Nação e de um govêrno que, sob a égide do Estado Novo e na orientação do Chefe da Revolução Nacional, é credor da mais alta consideração de todos os portugueses.

Com uma dedicação sem limites, uma fé inquebrantável, tem posto V. Ex.ª ao serviço da renovação política e moral do país em que andamos todos empenhados, todo o seu esfôrço, tôda a sua capacidade de trabalho, tôda a sua inteligência.

E a actividade por V. Ex.ª desenvolvida na pasta que pela segunda vez sobraça, além dos trabalhos políticos que lhe são inerentes, tem dois aspectos primaciais que convem focar —o do problema da ordem pública e o da assistência.

Qualquer dêles, se foi sempre digno das preocupações do governante, tem, no momento actual, tão perturbado por lutas ideológicas e de primasia política no velho continente em armas, uma acuïdade tal que não é difícil considerá-los da maior importância.

Mas a ordem mantem-se, e não só nas ruas porque a há também nos espíritos, por muito que procurem perturba-la, porventura, os críticos das várias tertulias dos lugares de ócio, tão pouco zelosos da dignidade própria que não se apercebem do perigo de diminuir a alheia.

Tudo isso, num país de hiper-críticos, sempre aptos a discutir o que desconhecem, contrariados até por esta prolongada calmaria política que lhes não proporciona espectáculos de sensação capazes de lhes excitar os nervos, tudo isso, repito, é poeira no espaço, que pode contundir a sensibilidade da retina, mas não penetra no cérebro destruindo juízos seguros, raciocínios sólidos.

Como aqueles miasmas, a que recentemente aludiu Salazar, tudo isso fica reduzido a zero, sem perigo de contaminação, uma vez que o sol forte da Verdade caía a prumo sôbre o monturo.

A ordem pública tem merecido a V. Ex.ª atenções especiais e muito lhe deve o país que o reconhece e agradece.

* * *

O outro problema, o da assistência, é outro grave problema a que V. Ex.ª tem dispensado um carinho que só um coração, moldado na máxima evangelica do amor do próximo, é capaz de compreender.

O problema dos leprosos, dos alienados, dos miseráveis, quantas horas de preocupações teem ocupado no seu labôr ministerial?

Ainda ultimamente o diploma que procura resolver dentro do possível, o problema da mendicidade, pela instituïção dos albergues, é um diploma que honra o Ministro que o subscreveu pela generosa intenção que o inspirou.

Oxalá todos o compreendam bem e particulares e colectividades lhe deem o concurso necessário, o apoio moral e material que lhes é pedido.

O Estado não pode tudo, nem deve poder tudo.

Há uma grande parte do esfôrço comum que pertence de direito a outros.

Felicito V. Ex.ª por essa tão simpática iniciativa e faço votos pela excelência dos seus resultados práticos. Não para que se realize a utopia de uma igualdade económica que suprima a pobreza, mas para que os pobres, que haverá sempre, sejam menos miseráveis e espelhos vivos de Cristo, movam as almas piedosas naquela comunhão moral que faz do homem um ser verdadeiramente de eleição.

Snr. Ministro:

Nesta simpática festa que aqui hoje nos reüne, encontra-se representado, pelos seus mais altos valores morais, sociais e políticos, todo o distrito de Aveiro e, se em nome da União Nacional de todo êle, ergo aqui a voz, para além dêsse quadro que me dá especial direito de representação, apercebo-me virtualmente o eco do mesmo sentimento, dessa confiança geral, segura e firme, na obra da restauração nacional de que tantos frutos estamos gozando já e que tantos outros nos será dado fruir ainda, uma unanimidade de pensamento que insidias, despeitos ou maledicências jàmais abalarão, vibração íntima de consciências gratas, afirmação de fé nos destinos da Pátria engrandecida, no alto cume de glória a que a elevou, do desanimo e da descrença de horas tristes, que triste é recordar, o braço forte, a energia rara, a virtude inconfundivel, a renuncia completa do Homem que a Providência nos revelou.

E' essa afirmação de fé, que o distrito de Aveiro, realidade histórica que traduz, através duma já longa tradição, uma comunidade de interesses, morais, económicos e políticos, que não é fácil contestar, aqui vem trazer ao Ministro do Interior, representante do govêrno de Salazar, convicto todo êle de que os seus legitimos interesses terão a salvaguardá-lo de teóricos conceitos que o diminuam, a certeza daquela justiça que Salazar nunca negou aos que lha solicitam sempre que ao Interesse Nacional não pretendam sobrepôr-se portadores de simples interesses locais.

A V. Ex.ª sr. Ministro, dirige o distrito de Aveiro as suas mais calorosas saüdações.

* * *

E agora, erguidos os olhos para mais alto, em frente da figura máxima da Revolução Nacional, revolução que se estende a todos os sectores e em todos os seus aspectos procura manifestar-se infiltrando um novo espírito e criando na nação uma mentalidade oposta à do derrotismo de épocas não distantes, que parecia quebrar-nos todos os estímulos e reduzir-nos tôdas as esperanças; época de desvairo e de pugnas em que o nome e a grandeza de Portugal eram esquecidos no delírio das competições políticas e no afan da luta de classes; trabalho satanico de desagregação onde o indivíduo era tudo e a nação nada; obra de descredito que tanta vez ruborisou de vergonha a face do português-turista em terra estranha; fixando o espírito na recordação do passado, olhando o presente e alargando a vista para os horizontes do futuro—pois, como disse o Chefe, não é de patriota, nem de político abandonar o futuro às contingências da sorte, não criar para uma obra condições de duração e estabilidade, porque só fica feito o que perdura—somos levados a curvar-nos naquela atitude de reconhecimento que em todo o peito lusitano, onde se não acolham mesquinhos sentimentos, faz vibrar de emoção os corações mais devotados ao amor da Pátria.

Elevamos Salazar, o renovador da terra portuguesa, o criador de uma alma nova, de ardente nacionalismo, àquela categoria a que ascendem só os eleitos, os que fizeram grande a nação e, como na era de Quinhentos, no período da Reconquista, ou nas lutas da Restauração, deram a Portugal glória e honra, e consolidaram, pelos seus feitos e pela devoção patriótica, uma independência e uma unidade que perdura através dos séculos e hoje se afirma, no conceito das nações uma realidade tão grande que, projectada no mundo desnorteado, se aponta como bússula a guiar povos, como exemplo a seguir na governação dos Estados.

E há quem ache pouco esta dignidade que gosamos e nos dá a alegria, a satisfação de ser portugueses?

Sim, talvez.

Ouvem-se rumores daquela agitação política a que se referiu Salazar a propósito duma recente operação bancária que tanto alarmou espíritos crédulos ou intranqüilos—«*agitação*, segundo as suas palavras, *filha da sinceridade pouco esclarecida, ou de interesses que se não poderiam confessar*».

Mas, nêsse caso particular, acentuou-o ainda Salazar «*já é de regosijar-nos se à insensibilidade com que em tempos o pais se deixou* pôr **a saque**, se *substituiu a possibilidade de tão vivas reacções*»...

Mas, donde parte o rumôr?

Dos insatisfeitos de sempre, daqueles teóricos ou exangues a que se referia há pouco o Chefe da nação alemã, que não compreendem os primeiros o valor das realidades e fazem política no espaço, julgando-se capazes de transformar, por encanto ou sortilégio de vara mágica, a face do mundo, num momento, ou que, como os segundos, por comodidade ou inercia, nunca se aperceberam do que vale a fôrça de vontade, disciplinada e esclarecida, consciente do valor próprio e capaz de destruir montanhas pela tenacidade inquebrantável da fé?

Onde estão êles então os que rumorejam, aves agoirentas de tragédias imaginadas, reencarnação do Velho do Restelo que choram possíveis desditas da pátria?

Nos despeitados de todos os tempos e de todos os regimes, entre aqueles a quem se referiu Salazar, que, tendo já dois lugares se indignam por lhes ter sido recusado o terceiro?

Quem são êles, então?

Os *saudosistas* do passado? Os *nostalgicos* do caos? Os que preferem o *deficit* aos *saldos?* a desordem à ordem? aquela avalanche de notas, sem reservas correspondentes, que dava a ilusão da riqueza nos cofres fortes de usura nacional? Os que assistiram sem protesto à alienação da prata e se agoniam ao vêr agora barras de oiro nos subterrâneos do Banco de Portugal? Os que gosavam os benefícios do *racico* a juro altíssimo e a desembolso bem inferior ao valor dos titulos e hoje se veem dêles privados? Os que se sentiam *felizes* com o peso duma divida flutuante, para só falar na pior, que ia a mais de dois milhões de contos e hoje a veem liquidada, restaurado o crédito, estabilisada a moeda e disponibilidades e saldos crédores onde dantes haviam dividas? Os que viam deserto o Tejo de unidades navais de valor e hoje o veem já povoado de elementos importantes para a nossa defeza? Os que prefeririam a um exército reorganisado fôrças sem reconhecida eficiência militar? Os que não podiam viajar no país e hoje o podem percorrer em todos os sentidos sem perigo de vida? Os que não querem atender a que só em despesas extraordinárias, com o fomento nacional—estradas, portos, caminhos de ferro, hidráulica agrícola, melhoramentos rurais, arborisações, valorisação do património nacional—e despezas de carácter social, entre as quais avulta essa magnífica obra das casas económicas, além de outras, se gastaram, em 10 anos—de 1928 a 1938—segundo o exame das contas públicas, perto de 3 milhões de contos?

Ou serão êsses, os que protestam, aqueles que em certo momento recente da nossa política internacional, se afligiam imenso com a possibilidade de um arrefecimento da aliança inglesa, esquecidos daquele tempo, não muito distante ainda, em que se clamava, na imprensa e nas avengas públicas, contra um protectorado ignominioso, estigma duma dinastia que diziam em decadência e se fôram de abalada até aos nevoeiros londrinos interrogar os augures sôbre a possibilidade de transformar a coisa pública em Portugal e hoje ouvem a voz do país lembrar que essa aliança perdurará porque é igualmente necessária aos dois povos e dignamente invocar-se o testemunho insuspeito dos Palmerston, dos Nelson, dos Welington, como invocou Salazar?

Mas quem são êles então os que protestam, ou rumorejam alarmes e intranqüilidades?

Exalações do monturo?

Consciências mal esclarecidas?

Pois façamos, como recomendou Salazar, incidir sôbre todos o sol da verdade, informemos minuciosamente os que sinceramente queiram esclarecer-se e trabalhemos todos, e sôbretudo nós, os da União Nacional, por uma melhor formação política, pela renovação do pensamento, da mentalidade nacional, esforçando-nos por criar uma nova consciência civica que nos torne dignos de Portugal, da nossa história e de Salazar, o maior de todos nós, o maior português de hoje e um dos maiores de todos os tempos e que acabe, para honra nossa, aquela pecha lusitana, a que aludia Vieira, a propósito de Santo António, de ser preciso ir lá fora para nos inebriarmos com o fulgôr dos luseiros que graças ao Senhor surgem por vezes na nossa terra.

Fé e Coragem e marchemos para a vitória definitiva da Revolução.

* * *

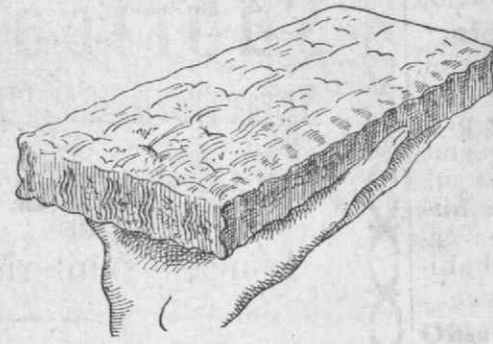
Snr. Ministro:

Saúdo V. Ex.ª
Saúdo o Govêrno da Nação
Saúdo Salazar

E iguais saüdações dirijo ao muito ilustre Chefe do Estado, a essa admirável figura de português e de militar, de tão notáveis qualidades de atracção e simpatia pessoal, de nobresa e dignidade tão distintas e de tão assinalados méritos para o desempenho do espinhoso cargo que ocupa, que bem aceitaria o país a sua permanência em tal função de modo a evitar as desagradáveis surprêsas a que o acaso eleitoral nos pode por vezes sujeitar.

Pela Revolução Nacional!
Por Portugal!

O homem relâmpago

—x—

Vem na próxima quarta-feira dar um espectáculo ao Pavilhão Municipal da Feira o transformista Silva Lisboa, que, no género Frégoli, é dos primeiros artistas portugueses.

Merece as atenções do público.

Um oferecimento

—o—

O sr. Manuel Cravo Júnior, da Gafanha, oferece, gratuïtamente, às pessôas pobres que necessitem de banhos do mar durante os mêses de Maio e Junho as suas casas da Costa Nova e Barra e a todo aquele que alugar casa para Julho e a queira utilizar antes, também o poderá fazer sem aumento de renda.

Salientando a generosidade do sr. Manuel Cravo, felicitamo-lo também pelo seu gesto altruista e humanitário.

NOMEAÇÃO

Foi nomeado chefe da Secretaria Judicial de Anadia, tendo ante-ontem tomado posse, o nosso conterrâneo sr. dr. Bento Duarte Silva, filho do distinto causidico dr. Jaime Duarte Silva.

As nossas felicitações.

Imagens minhas

—o—

«Haja alegria no rôsto de todos nós, homens, e sorrisos nos lábios das mulheres e sentir-me-hei compensado, garantindo-vos que podeis contar com a minha leal vontade e esfôrço para o bem colectivo.

Eu não compreendo uma associação sòmente para se dançar; temos de olhar o futuro. Assim apresentarei na próxima Assembleia Geral, uma proposta que depois de devidamente estudada, criará um fundo de reserva, destinado a auxiliar, no momento preciso, as famílias dos sócios falecidos» —passagens do brilhante discurso que o sr. Abilio Jerónimo, presidente da Assembleia Geral do *Grupo Recreativo da Esculca*, proferiu quando da inauguração do seu estandarte.

Ao acabar de ouvir estas palavras não pude deixar de acompanhar a numerosa assistência numa calorosa ovação que lhe manifestava.

Porquê?

E' que se me torna sempre grato ver que ainda há pessoas de grandes iniciatívas, que não receiam pô-las em prática, arrostando com coragem e sem desfalecimento, sem temer, os entraves que, por vezes, se lhe opõem.

«Eu não compreendo uma associação sòmente para se dançar.»

Como esta frase tem um alto significado e cái bem no meu espírito!

A dança não deve ser a única finalidade de uma associação.

Se o homem vive para a colectividade, a colectividade deve viver para o homem, auxiliando tantos desprotegidos da sorte que vagueiam, ao acaso, neste imenso mar, que é a vida.

Quem conhece a personalidade de Abilio Jerónimo e o seu raio de acção dentro do colectivismo, sabe que as suas ideias se transformam sempre em realidade, embora sejam, muitas vezes, cortadas por desilusões amargas que sulcam fundo.

O *Grupo Recreativo da Esculca* é uma iniciativa particular que pode servir de modêlo às suas congéneres.

Essa festa encantadora a que tive o prazer de assistir e que foi a todos os titulos um grande exemplo de união associativa e de bôa camaradagem entre pobres e ricos, patrões e servos, ficou—estou disso certo—estampada para sempre na mente de todos os presentes.

Grandes afirmações se fizeram e grandes obras vão surgir para bem de todos os associados.

A êsse conjunto belo não faltou a alegria no rôsto dos homens e sorriso nos lábios dêsse friso interessante e airoso das raparigas da *Esculca*, que assim deram ao ambiente um colorido gracioso duma beleza rara.

Viseu, 1940

ANTONIO TUDELA

Comarca de Aveiro

Divórcio

Po sentença de vinte e sete de Fevereiro findo, que transitou, foi decretado o divórcio definitivo entre os cônjuges Manuel da Rocha Beato, lavrador, da Quintã, do concelho de Vagos, desta comarca de Aveiro, e Rosa Celeste de Jesus ou só Rosa Celeste, do mesmo lugar da Quintã, o que se torna público para os devidos efeitos.

Aveiro, 16 de Março de 1940.

Verifiquei.

O Juíz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 2.ª Secção,
Carlos Hermenigildo de Sousa

Comarca de Aveiro

—x—

DIVORCIO

Por sentença de 2 de Março de 1940, que transitou, foi decretado o divórcio definitivo entre os cônjuges Maria Marques da Maia, doméstica, natural e residente em Esgueira, desta comarca de Aveiro, e Manuel Migueis Júnior, lavrador, de Azurva, também desta comarca, o que se torna público para os devidos efeitos.

Aveiro, 28 de Março de 1940.

O Chefe de Secção
Carlos Hermenigildo de Sousa

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Pela Comissão de Assistência Judiciária da Comarca, chefe Santos Vítor, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando a requerida Maria Clementina da Conceição, creada de servir, residente em Coimbra, para, no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de benefício à assistência judiciária requerido por seu marido Alvaro Barreto, pintor, desta cidade, para o fim de poder intentar a acção de divórcio contra a mesma requerida.

Aveiro, 5 de Abril de 1940.

Verifiquei:

O Presidente da Comissão

Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Victor